

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



A estação avança a passos agigantados a fechar o brilhante portico dos salões da corte: o calor intenso já não permite sem grande incommodo o ingresso nesse delicioso recinto de ondas de luz e fascinação, que vai sendo pouco concorrido á proporção que o mez de Novembro se adianta, e seus dias quentes nos adverte a chegada do sudorifico verão.

Entretanto, mais um poucaquinho de espera, e teremos ainda, em qualquer dos dias da proxima semana os adeuses do *Cassino*, que dá o seu ultimo baile deste anno em fins de Novembro, quando já era tempo de irmos todos, se possível fosse, respirar o ar puro do campo e das pitorescas montanhas do nosso Rio de Janeiro.

Mas, como é o ultimo baile, o baile de despedida e os adeuses do *Cassino* em 1855, o mundo elegante não faltará a lhe fazer as honras, não obstante os cortejos da estação: é um destes sacrificios que vale a pena fazer-se a um amigo que tão distincta e delicadamente trata seus hospedes nos seus brilhantes salões.

Tenho visto muitos e lindissimos vestidos entre mãos das nossas primeiras modistas, que bem confirmão, que o bom-tom fluminense não

póde ser indifferente á essa despedida, que penso poder appellar-a, de agradável, e mesmo deliciosa, sem contudo deixar de sentir as saudades que toda a moça tem ao ver finalizar mais uma serie de bailes brilhantes e encantadores.

Felizmente outros prazeres, novas distrações tem de receber o mundo elegante em seus braços, e nelles facilmente encontrará a suave transição das estações, trocando as delicias e o movimento dos bailes pelo tranquillo respirar dos campos.

É para esta nova estação, querida leitora, que vos dou hoje, além de lindissimos e apropriados figurinos, a descripção de alguns *toilettes* mais, que vem a proposito para com antecedencia pôr-vos ao facto do que pode colher dos *Jornaes* de Pariz, respeito a *toilettes* de verão.

Eil-os, para escolherdes o que mais vos couvier.

TOILETTES DE PASSEIO.

— Roupão de tafetá rajado, cor de rosa, pardo e azul escuro, guarnecido adiante de lacinhos de lita sem pontas, tendo no meio um botao de aço polido: o corpo franzido: as mangas largas. Chale de renda preta. *Capote* de crepe e lilo

branco, ornado com um ramo de flores sem folhagem, posto por cima da aba.

— Vestido de barege verde escuro, guarnecido de folhos bordados de passamaneria: o corpo liso e afogado: as mangas sobre o justo e direitas. Mantelete-chale de caça, guarnecido de um grande folho recortado. Capote de crepe, cor de rosa, coberto de filô branco e ornado com flores.

— Vestido de caça branca, guarnecido de cinco folhos encanudados: o corpo affogado e franzido na cintura: as mangas semi-largas e franzidas no punho. Fita da cintura de *gros-grain* branco e fivela de aço. Mantelete de tafta azul, guarnecido de folhos. Capote de palha de arroz, ornado com um feixe de plumas brancas, com a a extremidade azul.

— Roupão de *foulard* verde claro, com quadrados pretos e pintas brancas, guarnecido adiante com um encrespado á la *Vicille*: as mangas afuniladas. *Pardessus* de melanca preta, guarnecido de um grande folho de renda. Chapéo de esteirinha de palha, ornado de flores e fita aveludada.

— penteador de *jaconás* branco com desenhos persas, cor de rosa, azues e pretos, guarnecido pela frente de dous pequenos folhos encanudados, e separados um do outro por uma fita. Mantelete de caça bordada, guarnecida de folhos. Chapéo de palha de Italia, ornado de fitas de setim branco e flores.

— Vestido de pekín estampado azul Nemours, guarnecido de avental de passamaneria e laços de fita de setim: o corpo liso e afogado: as mangas largas enfeitadas como o vestido. *Manteau* de renda de lã, cor de ouro. Chapéo de crepe, cor de rosa, coberto de renda branca.

— Vestido de balsurina, cor de canario, com flores cor de rosa, guarnecido de folhos: o corpo franzido e decotado em quadrado: as mangas curtas e largas, guarnecidas de folhos. *Canezou* de filô bordado. Chale-manta de caça branca bordada. Capote de crepe, cor de rosa, ornado com um ramo de flores brancas.

Não vos descuidarei de vos lembrar as botinas de sola grossa para os passeios no campo. As nossas chacaras, os nossos jardins, requerem um calçado mais apropriado contra o orvalho das plantas e contra a humidade, de que sempre nos devemos acautelar, como o nosso segundo inimigo incansavel. É por certo uma das modas que adoptei, e que lhe tenho achado os melhores resultados.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE ESTAR EM CASA OU DE PASSEIO CONFORME O PENTEADO. — Cabellos em bandós ondulados e folhos. Tufos de fita escoceza em setim e veludo guarnecem os bandós. O penteado de fitas arma-se sobre arames para melhor chegar-se aos bandós.

Vestido de popeline, liso, *grisperle*.

Corpinho em mosselina da India.

Laços de fita escoceza em setim e veludo.

O corpinho, afogado atraz, é franzido adiante nas costuras das espaldas e na cintura. As costas são lisas e franzidas somente em baixo. Uma renda encrespada forma o collarinho redondo.

As mangas, posto que justas em cima, vão alargando depois, e formão tres folhos presos por laços de fita escoceza, e em baixo tres punhos lisos, como que sahindo uns de dentro dos outros, e orlados com uma renda estreita.

Nove ricos laços de fita larga escoceza, guarnecem a frente do corpinho e da saia, até em baixo, gradualmente desenvolvendo-se, mais cada um á proporção que vão descendo.

A saia de muita roda e comprida sobretudoo atraz.

TOILETTE DE CIDADE — Chapéo de palha de Italia, enfeitado de plumas e laços feitos de fita de palha.

O vestido é de tafetá *mode*, semeado de grandes ramos que se arqueião graciosa e ligeiramente. O corpinho é afogado atraz, franzido a baixo das costas; adiante abre um quadrado. Uma fita, da mesma cor do vestido, enrugada em preguinhas chatas, guarnece em volta todo o corpinho. Tres laços singelos enfeitão o peito.

As mangas *Anne d'Autriche*, compõe-se de uma manga de baixo, em tafetá branco *filô direito*, justa em cima, alargando um pouco no meio, e justa em baixo até ao punho; depois outra manga de cima, da mesma fazenda do vestido, toda aberta ao comprido, bordada de um crespado de fita: aavez da abertura que fica, apparece a manga branca.

Os punhos da manga branca são de *guipure*. Uma *guipure* dentada guarnece em volta todo o aberto do corpinho.

Luvax de pellica. Umbella de tafetá franjado.

Cattete, 19 de Novembro.

Christina.

A FADA DO MYSTERIO.

I.

Era uma noite de inverno; — a viração passava resfriada, sacudindo o orvalho da ramagem escura dos cyrestes, e a lua enfiando seus raios morbidos por entre os nevociros que cobrião a terra com seu manto cor de cinza, derramava um clarão embaciado e mesto sobre as cimalthas denegridas de um templo.

Em suas escadas de pedra, humidas e frias, estavam dous vultos de pé.

— Ouve-me, é um minuto só que te peço!...

Dizia um moço arrebatado e livido de emoção, procurando reter a sylphide vaporosa que se esquivava a seus rogos.

— E ella era como uma dessas visões dos contos de Hoffmann, como a senhora de Blanca resva-

lindo á furto em noite de luar pelas galerias fuscas e compridas da solitaria Alhambra, carpindo saudades do Abencerrage. Na superficie humida de seus grandes olhos negros espelhava-se o brilho desmaiado dos raios da lua; erão seus labios um lago de rubim onde boiava perdido um sorriso melancolico; em seu collo, que daria a immortalidade ao estatuario que o reproduzisse em marmore, descangavão as tranças luzidas de sua madeixa escura, como uma franja de neve espalhada sobre os ramos verdes da floresta; de mais encanto era a pallidez tocante e embriagadora de suas faces aveludadas — seu rosto era um crystal onde se reflectia o colorido sombrio da tristeza, era uma rosa branca descorada pela geada da noite, o anjo da melancolia que o crepusculo da tarde surprehendêra descantando á margem deserta do lago.

— Escuta, lhe dizia o mancebo, tu és a alma da minha vida, o perfume dos meus sonhos, o echo dos meus soluços, o Deus de minhas orações, todos os meus affectos reunidos n'um só!

Escuta — eu nada tenho no mundo, uma esperanza somente, plantada no coração, cultivada com minhas lagrimas, crescida com minhas afflicções: da flor dos teus labios deixa cahir sobre ella uma só gota de orvalho! Não tenho nada no mundo, sou como a avesinha que se transviou do ninho por noite escura de tempestade, e que vaga sem asylo pelos rochedos escavados, onde rebenta o trovão, resplandece o corisco e sibila a ventania — tu seras a folha onde me abrigue da chuva, o anjo da minha solidão, o meu talisman nesta vida!

Escuta — eu serei o galho em que vingarás, flor! minha alma o sacrario de teus pensamentos, virgem! minha vida o firmamento em que passarás á noite, estrella! meu amor a lyra de tuas canções harmoniosas, anjo!

E ella era muda, mysteriosa e triste. Os effluvios do enthusiasmo do moço perdiao-se no espaço de suas meditações, como um lençol de nevoas que se espalhão aos primeiros raios do dia. A's vezes fitava o moço com um olhar que seria melhor não entendel-o, com um sorriso tão triste que parecia mais um gemido.

E elle não comprehendia esse silencio que acollhia suas palavras — sentia um incendio no coração, um suor frio banhar-lhe a fronte, uma nuvem preta nos olhos.

— Porque não fallas e me respondes? perguntou elle supplicante. É impossivel que me não tenhas comprehendido! se minhas palavras não te dizem tudo, a minha commoção, a minha voz, as minhas supplicas, o meu delirio, o pulsar agudado do coração não te fallão de sobejo? Não ha em tudo isso um pensamento, uma amargura, um ai, um som, um echo que te diz — eu te amo?....

E elle apertava febricitante e convulso as mãos geladas da moça. E ella tão seismatica, impene-travel, taciturna e sombria!

— Falla, que o teu silencio me cabe sobre o coração, como uma chuva de fogo, como o sudario de um morto! Não mates assim este amor innocente, que me eria um futuro de prazeres indivisiveis, elle, nascido de hontem! deixa que

sinta por um instante o halito quente e embalsamado da aurora que se levanta do occidente por entre a cerração, esse véo de vapores que lhe enfusca os resplendores; não despedaces o cofre onde aherolloho o thesoouro de minhas illusões idolatradas; não calcques as poucas flores que ainda esmaltão a senda rude e enlucada da minha vida!...

E elle parou por um instante — exhalou um desses gemidos profundos, longos, indefeniveis, pungentes, que relatão um passado inteiro de soffrimentos; e continuou depois:

— Talvez não me acredites. Mas não te farei juras porque todas ellas se illudem; não me desfarei em protestos porque todos elles se esquecem; não evocarei o futuro porque o meu aqui na terra — é um tumulo! Mas colloca um minuto a tua mão sobre o meu peito e sentirás! — se disseres então que não te amo, eu te direi que mentes!...

Quando se deita a mão n'uma cratera a lava queima! Sente-se a paixão em uma fibra d'alma que palpita, em um suspiro que treme, em uma lagrima que se dissolve, assim como vê-se o raio no tronco descodado, como adivinha-se a morte na agonia do padecente, como prevê-se a tempestade no fragor do oceano, como se admira Deus na harmonia cadenciosa dos astros!

E ella sempre fria e insensivel aos idilios apaixonados do moço, como as grades afumadas do calabouço ás supplicações afflictivas do preso.

— Escuta. Quem sabe se o amor não agitou ainda com suas azas candidas a superficie crystallina de tu'alma? quem sabe se no casto sanctuario de tua imaginação não brotou ainda essa flor do sentimento — o amor, cujo aroma ás vezes embriaga como um beijo em labio virgem de 15 annos, e ás vezes amarga como um trago de fel da taça do desespero!... E' talvez isso — não sabes um desgano o que valle, porque não sabes um amor o que faz! Nunca amaste? pois ouve: o amor é um raio puro dessa circumferencia de luz que tem o seu centro em Deus! é uma cadeia de sensações indefiniveis, que partindo do Céu, estreita a duas almas na terra! é o crystal onde se confundem os desejos, as esperanças e o futuro de dois seres, em um só pensamento, em um só gozo, em um só beijo! é uma harpa de sons mysteriosos, tangida pelos anjos e só comprehendida por duas almas irmãs! é a musica suave do coração!

Este é o amor perfumado pela esperanza, o amor de dois peitos que se abrem em intimas confidencias, em devaneios ardentes, em fatidicos sonhos; mas o outro, o amor que se sente e não se inspira — é o supplicio de Tantaló, um incendio que nunca queima, um abysmo que não tem fundo, um oceano que não tem calma, uma agonia que não tem termo!

E a virgem era sempre a mesma em suas seismas melancolicas, sempre pensativa, silenciosa e muda, como a fonsa onde cabe com passada e sentida a lagrima quente da saudade.

O pobre amante parecia morrer de desespero, apertava em suas mãos escaudadas, os dedos macilentos da moça, como querendo communicar lhe o seu calor; e pregava nella uns olhos que fais-

cavão centellas — um poeta já disse, que queimão os olhos de um homem, como chumbo fundido.

— Escuta ainda, tornou elle, já ouvi dizer que os anjos sonhão, que as fadas fallão e a mulher tem ambições — devem ser bem nobres as tuas; diz-me, quero cumpril-as todas á custa de sacrificios. Não é ouro que te seduz, eu sei — o coração comprado é bello um dia, e se despreza depois como um traste luxuoso que passou da moda. Talvez sonhes para tua frente a coroa de louros tallhada pelas canções de um poeta! talvez invejes a fama de Beatriz, de Leonor e de Laura! Que tem isso? a poesia vem do sentimento e a paixão me ferve aqui dentro. Dante sem sua amante seria apenas um soldado proscripto, o Tasso um louço, e Petrarca cousa nenhuma! Que tem isso — não sou poeta, mas hei de sê-lo: sentar-me-hei á margem socegada do rio, arremedarei o fremito da vaga quebrando o silencio da meia noite; pedirei ao arvoredo os seus mysterios, quando o sombreão as brumas pardacentas do crepusculo; ouvirei os segredos da lua quando desmaia na frente calva da montanha; a noite me dará seu manto marchetado de ouro, a flor o seu matiz, o zephyro o seu soluço, a alvorada as suas côres, e concertarei de tudo isso um hymno, tecerei uma grinalda, entoarei um cantico que te repita incessantemente aos ouvidos — eu te amo!...

E elle já não podia mais — calou-se. Encostou a cabeça nas mãos, balbuciou uma palavra que se não ouviu, quiz respirar e não poudo. Subitamente levantou a fronte, como acordado por uma idea que lhe fusilou no espirito.

— E' verdade... talvez tu ames outro.

E' bem horrivel, mas não importa! Esse outro não poderá amar-te tanto como eu — eu tenho o sol aqui no coração e não ha fogo mais vivo!...

Ouve. Esta paixão não é um desses sentimentos communs, ha nella alguma cousa de magico, de incomprehensivel, de mysterioso e santo, que não quizeste comprehender — não serei eu que te vexarei de doestos — que te julgue Deus.

Ouve. E' minha ultima supplica!... ao outro os teus encantos, a tua vida, o teu futuro e tudo... a mim — sómente um olhar quando acordares, um suspiro quando gemeres, uma lagrima quando chorares! um sorriso em tuas alegrias, um lugar em tuas orações, um sonho de tua alma, um fio de teus cabellos, uma nota de teus cantos!...

E ella sempre immovel e fria como a estatua de um mausoléu. Era a imagem de uma santa em seu nicho solitario aberto nas paredes nuas do templo, uma cruz de mysterios que não fallava, um ramo de cypreste que não bulia, uma fonte sem queixumes, uma dôr que não chorava....

O moço esgotou suas forças nessa supplica desesperada e extrema; sorriu-se — mas era lugubre esse sorriso, como o gorgoejo saudoso de uma ave moribunda; e exalando no ultimo suspiro a derradeira esperanza — expirou....

A esperanza — era o oleo que alimentava a lampada de sua vida, esse oleo consumiu-se — apagou-se a luz de sua alma.

A virgem contemplando por um instante o cadaver do moço, desprendeu um suspiro magado, e foi-se como a nuvem diaphana que se enca-

minha para o horisonte; xia-se ainda ao longe as rendas de seu véo transparente que tremulavão ao vento; depois dissipou-se de todo como as neblinas da serra espalhadas pelo favonio da madrugada.

II.

No outro dia, quando a' aurora movendo-se nas almofadas purpúreas do occidente — sorria, a virgem atirada sobre o seu leito — chorava.

Havia perto della uma sombra, que não era a de seu corpo — essa sombra a seguia por toda a parte. Quando se deitava ouvia um gemido que lhe parecia um adeus; quando acordava era um soluço como se alguem a saudasse; quando chorava era um suspiro que dir-se-hia um consolo; quando sorria.... não, nunca mais virão a virgem sorrir-se!

Perguntavão o que tinha — ella não dizia uma palavra; se instavão muito, lançava um ai dolorido, prolongado, do fundo de sua dôr; o véo condensado de suas lagrimas não deixava ler bem no intimo de sua alma, como as vagas do mar não deixão ver o fundo de seu leito.

Debalde a circumdavaõ carinhos, ella definhava lentamente, como um arbusto mimoso sobre um solo pedregoso a que não valle o fresco da noite, e os brandos raios do sol. Não dizia a ninguem o que tinha — nunca se soube o segredo.

Em uma noite de luar, o coveiro cantava e abria um leito no cemiterio, ouviu-se um dobre fúerco, resou-se um officio de finados, algumas pessoas deitãõ um pouco de terra sobre um esquite coberto de preto, e uma lage branca levantou-se em meio dos ossos pardos, e das caveiras lizas da cidade taciturna e socegada dos mortos.

Ao lado do tumulo da donzella havião duas sentinellas que o velavão de continuo, como se fossem dous cirios bentos a luzir sobre o santuario; ali estavão sempre todo o dia e toda a noite, houvesse calma ou tempestade, fosse alvorada ou crepusculo — era uma cruz e uma sombra — A cruz do soffrimento e a sombra de seu amante — A religião e o amor.

(Ext. do *Acajuba*.)

F. X. C.



POESIA.

MULHER OU ANJO.

I.

Céus! — neste inferno de horrores
Eu que desespero e gemo
Julgava já ter das dores
Attingido ao grão supremo.

Porém mentira! — a desgraça
Preparava nova taça
De um martyrio novo, estranho!
Tenho saudade, meu Deus,
Dos passados males meus
A' vista de um mal tamanho!

II.

Sob o Céu tempestuoso
Da minha existência escura
Vi passar, eu desditoso
Vi passar como a figura,
Si de anjo ou mulher ignoro,
Mas passou qual meteorito
E estendido após de si,
Por onde o fulgir passou,
Um sulco de luz deixou
O anjo ou mulher que eu vi.

III.

Ou anjo ou mulher, qu'è della?
Em que abysmo se sumiu
Luz que assim fulgiu tão bella,
Que tão breve assim fulgiu?
Deus, o funesto clarão
Que impresso na negridão
Ficou da vida — extingui;
Si é que eu tenho de morrer
Sem que torne mais a ver
O anjo ou mulher que eu vi...

IV.

No sepulchro deste peito
Morto o coração jazia;
Já todo em cinzas desfeito
Nem dôr nem prazer sentia.
Mas tu, mimoso visão,
Ao já morto coração
Como dar vida pudeste?
Si Deus tu não és, — do mal,
Tremendo archanjo infernal,
D'onde tal poder houveste?

V.

Do inferno? — poder sem fim
Satanaz — por Deus! — não tem:
De lá, tanta luz assim,
Por Deus! — ao mundo não vem!
O que és tu pois? — infinita
Ventura que esta alma afflicta
Sobre as azas de um momento
Nô nada viu se abysmar
Para novo fel tragar
De immenso, immenso tormento!

VI.

Que aquelle sulco luzente
Que fulge na negridão
Da minha vida é serpente
Que leva-me o coração
Continuo, atrez a morder:
Que envolve todo o meu ser

Num circ'lo de fogo eterno...
Luz que deu-me a ver o Céu
Um instante só, sem véu
Para arrojjar-me no inferno!

VII.

Si ainda pudesse eu vel-a
Ao menos um outro instante,
Formosa, mystica estrella
Nas trevas da vida — errante!...
Feliz!... Feliz!... Mas loucura,
Ainda esperar ventura
Eu!... assim tão desgraçado!...
Em rios corra o meu sangue...
Cadaver livido, exângue
Eu seja aos corvos lançado.

VIII.

Arfando ao peso das dores
Para que viver? — não quero...
Só descanso entre os horrores
Do sepulchro achar espero...
Do mundo illusões perdidas...
Esperanças consumidas
Nas chammaas do desengano...
Luz de um só instante, adeus!
Vão volver os dias meus
Da eternidade ao arcano!

Rio 1.º de Novembro de 1855.

Dr. Gomes de Souza.



Alguns rasgos da vida do doutor Swift.

Swift, cura, doutor, reitor, pregador, e o que mais é, o Rabelais, dizia um dia no pulpito, e na presença de uma numerosa e brilhante reunião de freguezes: Ha tres especies de orgulho, a saber: o orgulho do nascimento, o orgulho da fortuna, e o orgulho do talento. Deste ultimo não me occuparei eu, meus queridos irmãos, porque não vejo pessoa alguma neste auditorio que tenha de accusar-se de um tal vicio.

Viajando uma occasião a pé o doutor Swift, chegou á tardinha a uma aldeã aonde se resolveu a passar a noite; porém as estalagens estavam cheias de gente em consequencia de ter ali havido uma feira no dia antecedente, o que obrigou o pobre doutor a ficar n'uma taverna muito immunda, e onde, por falta de camas, se viu na necessidade de deitar-se com um arrieiro. Este bom sujeito, não podendo pegar no sono, entabou conversação com o seu companheiro de cama, e lhe disse entre outras cousas, que tinha tido a fortuna de fazer muito bons negocios na feira.

— Enquanto a mim, respondeu Swift, não fui tão feliz com Vm.; pois ainda não tenho enforcado senão seis individuos desde que se abrirão as sessões do tribunal criminal.

— Como enforcado! Pois que diabo de officio é o seu? disse muito admirado o arrieiro.

— Tenho um que não deixa de ser muito bom algumas vezes, respondeu Swift: eu sou o algoz deste condado.

— Será possível! Pois Vm. é o algoz?! Perguntou o arrieiro já muito fóra de si.

— Sim, acrescentou o doutor, e espero pendurar sabbado em Tyburn quatro desgraçados, um dos quaes deve tambem ser esquartejado.

O arrieiro, cheio de horror, e sem querer ouvir nem mais uma palavra, saltou da cama abaixo, e com os seus gritos acordou toda a gente da casa. O taverneiro, levantou-se todo sobresaltado e perguntou: Que demonio tem Vm.? O outro escumando de raiva lhe respondeu:

— O que tenho, é que você é um refinadissimo patife, e merecia que agora mesmo lhe dêsse mais soccos do que pragas lhe tenho rogado: pois você é que fez com que eu me deitasse com o carrasco, como neste mesmo instante acabo de saber. Assim é que se tratão as pessoas de bem? Abra-me já a porta que quero sahir quanto antes de semelhante inferno.

O taverneiro julgando que aquelle homem estava doudo, pôl-o logo na rua sem mais reflexões; e o doutor rindo-se da sua leinbrança, dormiu a somno solto até ao outro dia.

Ainda que dotado de caracter duro e altivo, não deixava o doutor Swift de ser excellente homem e de genio muito alegre. Um dia que estava sentado da parte de dentro de uma janella, viu chegar á sua porta uma mulher, já velha, a qual supplicou nos termos mais humildes, ao criado que entregasse um papel que trazia para seu amo. O moço recebeu-a com ar muito insolente, abriu o papel, e devolvendo-o á mulher, lhe disse que seu amo não tinha tempo de despachar a sua petição — « Que estás tu ahi a dizer, patifão, gritou o doutor, abrindo a janella. Sobê, mariola, e condzã essa senhora. » O criado, que não julgava que seu amo o tivesse visto nem ouvido, ficou perturbado e obedeceu sem proferir uma só palavra.

Swift recebeu com a maior affabilidade a pobre mulher, mandou-a sentar, e ordenou ao criado que trouxesse alguma cousa com que alimentar-se. Depois da mulher ter sahido, disse o amo ao criado: — Tu sabes, bregeiro, que tenho-te reprehendido muitas vezes pela tua embriaguez e pelos teus embustes e patifarias, que não tem sido poucas, e sempre tenho-te perdoado; porém agora que vejo que não tens humanidade com quem a deverias ter, pega nos teus trapos, vamos a contas, e põe-te já e já no meio da rua.

Obedeceu o criado, e depois de haver solicitado uma recommendação do doutor, assentou praça em um navio de guerra ajustando-se por cinco annos. Passado este tempo, não quiz mais sujeitar-se á vida do mar, e dando-se muito melhor em ser criado de servir, foi ter com o doutor Swift, confessou-lhe seus erros, e assegurando-lhe que cinco annos de embarque o haviam assaz cas-

tigado, passou-lhe o doutor um papel concebido nestes termos.

« J... portador do presente attestado, serviu-me por espaço de um anno. Durante todo este tempo, conheci-o bebado e mentiroso, motivos pelos quaes me vi na necessidade de o despedir. Depois foi marinheiro por espaço de cinco annos; porém não posso dizer até que ponto o serviço marítimo lhe terá corrigido os seus costumes: deixo esta descoberta á penetração daquelles que o quizerem tomar ao seu serviço.— Swift. — »

O ex-marinheiro provido deste attestado singular e sem nenhuma outra recommendação mais, dirigiu-se a Londres, e apresentou-se ao celebre Pope, que conhecia perfeitamente a letra do doutor. Depois de ter adquirido a certeza de que o portador era realmente o homem de quem tratava o attestado, tomou-o ao seu serviço, e o conservou até á sua morte.

Eis-aqui outro genero de castigo menos severo, porém não menos original que o precedente, imposto pelo doutor á uma de suas criadas.

Miss Stella Johnson tinha a seu cargo o ajustar as criadas, e quando as admittia em sua casa, preveni-as de que seu marido nunca lhes mandava fazer senão duas cousas, a saber: fechar bem as portas quando entrassem, e fechar-as ainda com maior cuidado quando sabissem.

Apresentando-se um dia uma das mesmas criadas a Swift, e pedindo-lhe licença para ir assistir ás bodas de uma irmã sua, que devião ter logar naquelle mesmo dia n'um povoado distante umas dez milhas de Dublin, não só amuiu o Doutor ao que a criada lhe pedira, mas acrescentou ainda, que lhe emprestaria a sua carruagem, e ordenaria a um criado seu que lhe fosse servindo de esendeiro.

Entregue á alegria que tão grande favor causou á criada, esqueceu-se esta de fechar a porta quando sahio do quarto.

Meia hora depois da criada haver partido, mandou o Doutor a um criado que montasse a cavallo e corresse a toda á brida para alcançar a criada e dizer-lhe que voltasse para traz immediatamente. Esta apenas se achava em meio caminho, quando recebeu uma tão inesperada ordem, á qual teve de obdecer, ainda que com muita repugnancia.

Chegando a pobre criada muito assustada á presença de seu amo, perguntou-lhe o que S. S. desejava?

— Nada mais, acrescentou elle, do que dizer-te que feches essa porta, que deixaste aberta quando sahiste do quarto.

E havendo ella obdecido, permittiu-lhe o Doutor que se pusesse novamente a caminho.

O seu modo de viajar estava em harmonia com a singularidade do seu caracter: algumas vezes servia-se das carruagens publicas, porém quasi sempre viajava a pé com um livro na mão. Quando se absorvia na sua leitura, andava até á noite sem cessar de ler e sem deitar-se para descansar.

Um dia que ia de Dublin a Waterford, a pé segundo o seu costume com o breviario na mão, e acompanhado de um unico criado (o mesmo que

já mencionámos) encontrou um velho irlandez que morava nas suas visinhanças. Este que o não conhecia perguntou o seu nome ao criado, o qual o seguia a certa distancia, e que tão original como seu amo, respondeu:

— E' o Deão de S. Patricio e sirvo-o por meus peccados....

— Mas aonde vão vocês a estas horas! replicou o Irlandez.

— Direitinhos para o Céu, respondeu o criado.

Admirado o velho do que ouvia, disse que não podia comprehender semelhante linguagem; porém o criado áccrescentou com o maior sangue frio.

— Comtudo, nada é mais claro; pois estando meu amo a rezar e eu em perfeito jejum, aonde pensa Vm. que se vá ter com jejuns e orações?

Ouvindo isto o velho, afastou-os do caminho do Céu, levando-os para a sua quinta e servindo-lhes de comer.

Quando o Doutor Swift ia visitar seus amigos em Inglaterra, passava ordinariamente algum tempo em casa de Pope em Twickenham.

Ali sahia furtivamente todos os dias depois de jantar, para ir vêr um desgraçado que havia perdido o uso da razão.

Este grande homem, que conversava com alienados, fundou um hospital para estes; e elle mesmo veio a morrer demente. Desde os seus primeiros annos conheceu o vicio da sua constituição fisica, e discorria philosophicamente ácerca da loucura.

Dizia que a demencia não envergonhava o homem, mas sim a natureza. Não admittia a exactidão desta definição—*animal racional*—e sustentava que devia dizer-se *capaz de raciocinar*.

(Extr.)

Viscondessa da

Medicina melodiosa.

Quereis ler um artiguinho esturdio, que não pôde fazer mal nem bem ao vosso systema nervoso? Eil-o ahí vai. Transcrevi-o de um espirituoso jornal portuguez, no que penso não ter incorrido no desagrado das leitoras que ainda o não lêrão.

Diz o artigo:

Vamos registrar um facto que, podendo conter grande proveito para muitos leitores, servirá ao mesmo tempo de entretecer um bem — me — quer — novo no panegyrico da musica.

Raras pessoas desconhecêrão, por experiencia propria, a dôr de dentes, a sua intensidade muitas vezes desesperadora, que obrigava a dizer certa dama: *antes filhos do que dentes*; e sobretudo o capricho da sua natureza, que *faz com* que o mesmo remedio não produza duas vezes a fio o mesmo beneficio; porisso, não ha molestia cujo tratamento seja mais variado. A odontochinia, ou arte de acudir aos dentes, se compõe de volumes de receitaarios que poderião ser ainda

augmentados se nelles se incorporassem todos os finitivos que a desesperação, a extravagancia, ou o acaso, faz todos os dias descobrir.

Pessoa de credito, e muito credito, nos affirma ter muitas vezes experimentado, em si e em outros, a efficacia da musica para as dôres de dentes.

— Da musica?!

— De menos ainda do que ella; de um *simplex* instrumento musico applicado á parte atormentada.

Lança-se mão de uma viola, guitarra ou machete, mette-se o braço do instrumento na boca, e dedilho-se as cordas, por modo que a vibração da madeira se communique á parte affectada. Passados alguns segundos, a dôr, verdadeiro *tinhuoso*, semelhante ao que vexava a alma de Saúl, e que não podia resistir á harpa de David — desapparece.

Em consequencia desta feliz descoberta, d'aqui por diante já poderá deixar de ser insulto para os boticarios aquelle dixote com que os gaiatos ha tempos immemoriaes os causticão:

— Tem violas?

— Tenho.

— Pois toque-me um lundú.

Era um calembourg, ou, por fallarmos portuguez de Fr. Luiz de Souza e de Jorge Ferreira de Vasconcellos, uma derivação, e não das mais saborosas. Agora já as violas e os lundús se poderão pedir, em verdade, nas boticas para remedio.

Estrella.

Revelação pouco satisfactoria para um procurador regio.

Acha-se na chronica de Pariz o seguinte facto, que julgamos curioso, sem comtudo respondermos pela sua authenticidade: deixando pois tal responsabilidade á quem de direito pertencer, somos obrigadas a confessar que, se a historia não é veridica, ao menos é mui bem imaginada.

Um rapaz de dezenove annos de idade comparece perante o tribunal de policia correccional de Pariz. Accusão-no de ter roubado um pão de duas libras a um padeiro, depois de lhe haver quebrado um vidro: roubo praticado com arrombamento, nem mais, nem menos.

— Quem vos impelliu a furtar esse pão? perguntou o presidente ao accusado.

— A fome.

— Em lugar de o roubardes, porque o não comprastes?

— Não tinha dinheiro.

— Mas eu vejo-vos um anel de ouro no dedo: porque o não vendieis?

— Sou engeitado. Quando me encontráreo ao pé de um vallado, tinha este anel pendurado ao pescoço por um galão de seda: talvez que este anel me facilite reconhecer, ainda algum dia, e por isso não posso desfazer-me delle.

O procurador regio fulmina um requisitorio terrivel. O jury declara que o accusado é criminoso, e o desgraçado é condemnado a cinco annos de prisão.

Quasi ao mesmo tempo levanta-se uma mulher envelhecida, mais pela miseria do que pelos annos, e diz: « Senhores jurados, ha vinte annos foi seduzida uma rapariga do campo por um habitante da cidade; este enganou-a, e a abandonou. Pobre e desamparada, a infeliz foi obrigada a confiar seu filho á Providencia. O filho cresceu, a mulher e o seductor envelhecêrão; o filho na pobreza, a mulher no meio da dôr, e o seductor no bem-estar. Todos três aqui estão presentes — o filho é o que acabas de declarar culpado — a mãe, sou eu — e o pai, eil-o aqui! acrescentou ella mostrando o procurador regio! »

Modo de bater à porta em Inglaterra.

Em Londres são poucos os portões e os que ha estão sempre fechados.

O modo de bater designa a qualidade da pessoa que se apresenta, de sorte que uma pancada de menos, considera-se tanta degradação, como uma pancada de mais, usurpação e insolencia.

Uma pancada só, annuncia o leiteiro (*milkman*) o carvoeiro, um domestico, um mendigo; e significa — *permille que entre?*

Dois pancadas, indicão o correio da posta diaria, o portador de um bilhete de boas festas ou de convite, e outros quaesquer mensageiros: exprime a pressa que se traz; que vem para negocio; e que quer dizer — *preciso entrar.*

Tres pancadas, annuncião o dono ou dona da casa, e as pessoas que de ordinario a frequentão, como dizendo em tom imperativo — *abre.*

Quatro pancadas fortes, indicão pessoa de grande tom, immediata em jerarchia á primeira nobreza, e que anda de carrogem; e significão: — *quero entrar.*

As quatro pancadas repetidas duas vezes annuncião fidalgo ou fidalga, um principe Russo, um barão Allemão, ou outra qualquer personagem extraordinaria; e é, como se dissesse: — *faça-vos muita honra em vir visitar-vos.*

Estas fórmas estrondosas de bater, a que os Ingлезes chamão — *trovejar á porta (door thundering)*, não obstante serem em Londres praticados por todos, dellas se tem seguido gravissimos incommodos. Qualquer criado que deixasse de dar uma pancada que fosse daquellas que pertencem á jerarchia e orgulho de seu amo, seria immediatamente despedido.

Os calções dos Escoccezes.

Poucas pessoas haverão que não tenham ouvido fallar da aversão decidida que tem contra o uso dos calções os montanhezes da Escocia, cujo vestuario para baixo da cintura se limita a um simples saíote que lhe fluetua negligentemente á mercê do vento, e uma especie de horzeguinis á grega, formados de tiras de diversas cores enlaçadas nas pernas até aos joelhos.

Ha alguns annos que o parlamento se lembrou, pela primeira vez, depois do diluvio, de achar este modo de trajar um pouco indecente, e de passar um *bill* obrigando os Escoccezes a trazerem calções. Estes montanhezes que se prezão de professar um constante respeito á lei, mas cuja aversão ao uso dos calções é maior que este respeito, achárão um meio de conciliar estes dous fins, agarrando-se firmemente á letra da lei; e desde então nenhum Escoccez sahio mais do seu *clan* sem trazer uns calções embrulhados debaixo do braço, ou ás costas entredos no seu cajado.

Anecdotas.

Um sujeito zombando de outro, a quem faltavao alguns dentes « Eu morra, lhe respondeu o desdentado, se quem m'os quebrou não cahiu logo a meus pés. » E perguntando-se-lhe quem era o seu bravo adversario, respondeu mui friamente — Uma pedra.

O dono de um armazem, segundo o costume de todas as lojas de Pariz, tinha feito pintar na sua taboleta dous grandes macacos, com a legenda — Os Dous Moxos. — Um dia entrou-lhe um sujeito na loja perguntando-lhe pelo seu socio. — Não tenho socio, senhor, sou eu só — Então porque enganais o publico? replicou o sujeito! — Pois em que o engano eu? — Em que?... *Tendo na loja só metade do que diz a taboleta.*

CHARADA.

Na horta	2
No jardim	1
Na horta.	

A decifração da charada do n.º 45 é: *Papo.*

Acompanha este n.º 47 uma estampa de figurinos de estar em casa e passeio.